

# FURACÃO TORNADO

*Letícia Miranda*



**FuracãO TOrnadO**

© 2021 Leticia Miranda

*Este livro segue as normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, adotado no Brasil em 2009.*

Este volume é apresentado como Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes Visuais (PPGAV) da Universidade de Brasília (UnB)

Linha de pesquisa: Deslocamentos e Espacialidades  
Orientador: Prof. Dr. Geraldo Orthof

*Projeto editorial e Produção gráfica*  
Manoela Morgado

*Imagens, capa e textos*  
Leticia Miranda

*Revisão*  
Júlia Castello Branco

*Banca examinadora*  
Karina E Silva Dias, Livia Flores Lopes e  
Luísa Günther

# FuracãO TOrnadO

*Letícia dos Santos Miranda*

2022

*1ª edição*

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

M672f      Miranda, Letícia  
              Furacão Tornado / Letícia Miranda; orientador Geraldo  
              Orthof. -- Brasília, 2022.  
              151 p.

              Tese (Doutorado - Mestrado em Artes) -- Universidade de  
              Brasília, 2022.

              1. Artes Visuais. 2. Literatura. I. Orthof, Geraldo,  
              orient. II. Título.

11 *Prefácio*

---

*Primeira parte*

- 15 I. Anotações
- 21 Com quantos pratos se faz uma casa?
- 22 Frames da infância ou poema sobre a Bahia
- 26 II. Um passo em direção ao começo
- 32 III. Entre o barro e a palavra
- 34 Redoma
- 35 Depois que o corpo desce
- 36 IV. Algum rastro de escrita

---

## *Segunda parte*

- 45 I. Inscrições
- 59 II. Resíduos da elaboração
- 64 III. Imaginar como modo de esboçar
- 70 Estátua de sal
- 72 Um furo na terra parte I
- 84 Um furo na terra parte II
- 95 O som que sai do vento
- 110 V. Miragem

- 
- 132 *Agradecimentos*
- 133 *Notas*
- 137 *Lista de imagens*
- 139 *Partilhas*

*para Maria e para Rosalina, que iniciaram  
o mundo que conheço*





*A terra flutua sobre a água.  
Mover-se-ia como um navio;  
e quando se diz que ela treme,  
em verdade  
flutuará em consequência do movimento da água*

Carlito Azevedo

## *Prefácio*

Vozinhas,

Como são caros os dias sem os sorrisos. Como seria bom ver sorrir os dias com vocês do lado. Só me resta acenar, mandar um beijo que colei na palma da mão e montar cenas nunca vistas - dedico a vocês todas elas.

Não sei a cadência de suas vozes, mas sigo sussurrando seus nomes e contando nossas semelhanças. Assim anuncio a presença de suas vidas na minha. Avisto nossos medos e receios. Por aí vou caducando a vida como quem arrisca o que não tem (só assim vejo quem somos e fomos e ainda seremos). Daqui parto. Tomo um barco feito por minhas mãos. No risco, na rasura e no ato incessante de lançar um olhar ao mundo, cato o que vejo. Digo, no presente, as minhas ações. Nesse dizer me lanço. É impossível levar um barco sem temporais, como bem diz Jards Macalé<sup>1</sup>.

Vozinhas, vocês não me escutam e, agora, pensando bem, pareço delirar falando no presente um presente que não chega. O meu presente está contaminado com o passado de suas vidas. Cotidianamente me contamina com o farfalhar das noites. São tantas histórias desconhecidas e tantos rostos esquecidos... começo daqui.

Partir para a coleta. Partir do infinitivo.

Invento tudo que não conheço e que hoje não consigo conhecer.

Essa invenção só é possível porque coleteo. A partir dos objetos, das imagens, dos sons, das fibras que sobram, vou montando um compilado de pequenas relíquias do presente - esse tempo existe, e é por isso que coleteo e monto e dedilho as materialidades de hoje.

Coletou porque vocês se foram. Cato cada história enviesada e mal contada. Cato toda e qualquer meia verdade cheia de fantasias. Cavo, cato, recolho.

Danielle Magalhães, amiga preciosa e poeta que leio com desejo de vida, escreveu certa vez: *a história é feita/de interrupções/ nada se começa/ ou se termina/ o fim tá dado/ todos os dias/ o que resta/ é começar*<sup>2</sup>.

Fingir que se começa é um começo. Quando penso em vocês, vejo um fio se desenrolar. Enxergo minhas manias e minhas obsessões - colecionei pedrinhas, pintei pedrinhas, vendi pedrinhas na escola. Há algum tipo de firmeza que envolve meu nome. Uma firmeza que se tenta alegre. Mamãe sempre me diz que escolheu o meu nome por causa do significado. Qual o peso de um nome, vó?

Queria que pudesse me responder.

Fumaça e negrume. Essa é a nossa história. E eu a celebro. Nessa alegria difícil.

Catar é uma alegria difícil.

Catando encontrei as linhas, os papéis, o furacão e o fundo do mar. Catando encontrei as membranas, as estátuas, os sustos, o número, as voltas de barco. Catando avistei sonhos, nomes, nomenclaturas e nervuras.

Catar é uma alegria difícil.

Vozinhas, inventar é um modo de ver. A partir dessa ótica, tento vê-las. Nosso encontro impossível é só uma parte desse filtro. Com vocês aprendi a ser escavadora-investigadora-curiosa. Alarguei meus dedos e meus ouvidos.

Entre palavras e imagens, construo minha presença escorregadia e impregnada de ontem, hoje e amanhã - ali sou, mas nunca inteira, não me interessa a completude; vou aos fragmentos porque a escassez me alimenta. Entendi que vejo poucas cenas (todas elas a partir de uma fresta). Entendi que pouco vejo e pouco sei. E isso é suficiente. O pouco.

Fico quieta, quase emudecida, diante do que alcanço. Os encantos são assombros (chegam todos pelas rachaduras).

Ver é encontrar o turvo.

Li um poema da Simone Homem de Mello<sup>3</sup> que dizia assim: *Das catedrais em ogivas talvez/ só mesmo alguma luz vitral:/ pois cada rosto a réstia do sol/ a perfurar o turvo da nuvem,/ e a escrita, ela,/ e quem dela dizia/ se inscrevia em seu dizer.* Vejo feixes de luz que cortam meu caminho. O que é (ou quem é) a escrita pra mim? Os traços inscritos em mim. Talvez seja isso - palavra e imagem são partes de uma mesma camada.

Vozinhas, traço caminhos com ajuda das mãos. O gesto me ensinou a andar por essas terras estranhas.

Eu vou gritar o nome de vocês, mas vocês não virão. É só um gesto. É só uma voz com saudade. E então, só mais algumas voltas ao redor do Sol, só mais algumas miragens, imagens, palavras, versos e páginas...

O futuro é lá atrás.

Com amor,  
Letícia

# Primeira parte

## I. Anotações

*Permaneço no quarto em que estou escrevendo estas palavras.  
Ponho um pé na frente do outro. Ponho uma palavra na  
frente da outra, e para cada passo que dou acrescento outra  
palavra, como se para cada palavra a ser dita aqui houvesse  
outro espaço por atravessar, uma distância que meu corpo  
devesse preencher no que se move por este espaço.*

Paul Auster. Espaços em branco.

Gosto do tom ameno da folha creme onde escrevo  
gosto do conforto que a cor creme dá aos meus olhos  
gosto de pensar o começo habitando uma folha creme

No tom creme as miragens flutuam

Vejo a Marília Garcia e o Haroldo de Campos<sup>4</sup>  
na varanda de um hotel  
em Paris  
eles acenam para mim

Gosto dessa miragem-encontro

O começo  
na folha creme  
o palco da miragem

Eu nunca fui a Paris  
por isso não sei se Paris tem  
ou não tem centro

Marília diz que não tem  
e eu acredito nela

Acredito nas passagens que furam o tempo



acredito nessa Paris  
*cheia de passagens*  
que transporta a Marília e o Leo<sup>5</sup>  
para algumas ruas antes

Começo com um poema obtuso

Escrever em verso é inaugurar  
algo em mim  
me lanço em um começo  
pelo verso

por não saber desdobrar uma frase sintaticamente adequada  
sobre o começo

Começo do meio  
bem na esquina  
de uma miragem

Será que me faço entender?

Principio um caminho  
sem retrovisor

Escrever como quem não sabe dissecar as palavras

Escrever como quem entra em um furacão  
e não sabe para que lado gira o mundo

Escrever como quem não sabe

*morando em palavras  
de taipa com bagaço  
sem paredes nem forro nem viga  
a pauta é o imundo a céu aberto  
a contingência me lê  
outro idioma me (des)abriga*

*Fernanda Marra. Taipografia*

Hoje é dia 23 de maio de 2021. Já é noite, ou quase noite. São 18:23. Dia 23 de maio de 2021 é um domingo. Começo essa escrita pensando na minha avó paterna. Rosalina Pereira Xavier. Demorei muito tempo para conseguir aprender esse nome por completo - é estranho não ter comigo alguma marca dele. A lógica do nome do pai... o nome do pai - me vem Kafka<sup>6</sup> à mente. Da minha avó herdei o nariz. Foi uma tia minha que certa vez me disse, em um tom de deboche, que meu nariz era igualzinho ao da minha avó Rosa. Apesar de ser difícil atestar a fala dessa tia, torço para que seja verdade. Assim eu teria algo da minha avó. Uma herança física, já que não posso ter uma herança nominal.

Herança.

Nesse caminho sem retrovisor, passado e presente são fumaça. Não distingo nada com precisão, vou me deixando ser contaminada, contaminada, contaminada... talvez eu me perca, talvez fique cambaleando, talvez tente fugir das imagens que povoam minha cabeça. Então penso com insistência nessa herança, porque a história da minha família é uma fumaça que se dissipou há anos, mas o cheiro de queimado está grudado em mim.

Herança: aqui está o meu começo. Dou um primeiro passo torto e incerto. Vou até a Marília, chego em Paris, fico na esquina. Mas isso é só um devaneio. Um devaneio para ir me aproximando do cheiro forte e insistente que permeia a história da minha família.

A fumaça também poderia ser poeira. Poeira de um tornado ou de um furacão.

Sinto que entro nesse turbilhão, não vejo nada. Fico tentando me segurar no que sei, no que conheço, mas a verdade é que não vejo nada. Tem areia (que me lembra a areia da Bahia e o tornado de Francis Alys<sup>7</sup>) junto da poeira, uma sensação de estar sendo cortada por navalhas e ao mesmo tempo soterrada por pó. Tudo se desfaz com muita facilidade. Tento sair do fuzuê, escapar dessa tormenta, mas algo me mantém ali, bem no centro da angústia. Não sei nomear, mas esse imã é parte da minha herança.

Sinto que cavo o terreno ao redor desse tornado como uma escavadora. Preciso me aproximar das histórias que não sei, relembrar as que já ouvi mais de vinte vezes e inventar todas as outras que faltam. Cavo, insisto, continuo... Que exaustivo é o trabalho de tentar dizer daquilo que me é próprio, mas não conheço.

Eis a minha herança.

## Com quantos pratos se faz uma casa?

Minha herança  
é de uma materialidade comum  
vale um prato de ágata  
(usado)

## Frames da infância ou poema sobre a Bahia

/.

Bois abrem janelas  
corro deles  
minha blusa é vermelha  
andar a cavalo dá uma sensação estranha na barriga  
minha avó não comia bolo de chocolate à noite  
eu não sabia nada sobre árvores frutíferas

//.

A mansidão dos dias inundava  
cada centímetro do meu corpo  
o frescor da roça no meu rosto da infância  
subia no pé de ciriguela e afogava  
os dentes nos frutos ainda verdes  
sabor algum superava o gosto da subida  
a árvore me recebia na sua copa  
assim concretizava o sonho da morada

///.

Meu avô me ensinou que durante o dia  
o céu é azul  
quando a noite vem chegando  
ele fica rosa e depois  
cai na escuridão

IV.

Minha avó se chamava Rosalina  
por redundância  
ou por precaução da vida que sabe do alcance de um nome

V.

Corroída pelos cupins  
a casa vai morrendo  
sozinha  
desterrada  
sem gente viva

O telhado caiu, não há mais frutos nas árvores  
nenhum céu nos contará dos dias que se foram  
desse tempo guardo um verso inaudito  
cantado pela minha vó

VI.

O pé de mamão começou a arriar  
sem olhar para o tronco  
me perguntei  
o que significava arriar  
até que ouvi um estalo  
aí pulei fora  
meu irmão ficou  
botamos abaixo o pé de mamão da vovó

VII.

Aos cinco anos  
maxixe era minha planta preferida





## II. Um passo em direção ao começo

*O começo não passa de interrupção de algo que já vinha ocorrendo, mas que ainda não tinha recebido nome. As coisas estão em permanente processo até que alguém apareça e nomeie um ponto das coisas como começo (...)  
Mais do que nomear, designar um começo é localizar algo no tempo e condená-lo à temporalidade, já que o começo é um elemento da tríade composta de passado, presente e futuro.*

Noemi Jaffe, Livro dos começos.

É impossível tocar o começo  
porque é impossível alcançar todos os tempos de uma só  
vez

Onde começa o percurso de um nome?

Qual é a sensação de ver o Sol pela primeira vez?

Onde está o começo da visão?

Quantas histórias do passado realmente aconteceram?

Nomear é insuficiente

um novo nome sempre pode aparecer

e com ele um outro caminho

Nomes são caminhos, ou melhor, são escolhas

nomear é direcionar

Silveira Bueno deixou registrado: nomear é *chamar*

*ou designar pelo nome de;*

*denominar;*

*conferir o cargo de;*

*apelidar;*

*instituir*

*no. me. ar*<sup>8</sup>.

O começo é

a possibilidade de vislumbrar  
outras sensações  
é a possibilidade de tatear  
o pouco familiar

Essa possibilidade mora no acaso  
não na sorte, mas no acaso.

*Na verdade, o começo é o próprio acaso<sup>9</sup>.*

Para começar basta avistar uma sombra  
e desejar puxá-la para perto

*Um fio muito fino*<sup>10</sup>  
um reflexo sobre os objetos  
*uma fresta na qual o Sol bate*

É preciso tentar  
encostar *o olho na fresta*  
arriscar um reconhecimento ótico

É preciso tentar tocar a fresta - *com o dedo mindinho*  
*as bordas são ásperas*

A fresta se encontra *num muro de pedra*

Para puxar a fresta: observar e só depois tocar  
primeiro o olhar  
depois o tato

*Todo começo* (toda aproximação)  
*é uma fresta*  
*e uma sombra de fresta*

*pouco se pode vislumbrar, mas esse pouco é uma anunciação,*  
*uma urgência mínima*

*Toda fresta é muito mais bonita do que aquilo que permite  
entrever*

*É preciso aprender  
a reconhecer o que se vê do outro lado*

Primeiro observar  
depois tocar  
e por fim saltar

*A fresta é como uma linha finíssima  
ou melhor, como um buraco de uma agulha ínfima  
por onde se deve passar aquela linha*

Para ver é preciso tocar  
o céu aberto diante de nós  
bem de leve  
com a ponta dos dedos  
tatear em busca de algo  
orgânico que povoe os dias  
e aos poucos agarrar as fibras  
soltar os filetes de nada que viram matéria

Para ver é preciso submergir as mãos no mundo  
pisar com a sombra  
a aridez do céu

### III. Entre o barro e a palavra



A palavra é começo, mas a palavra veio depois do barro.

## Redoma

Recipiente  
redondo  
proteção

Redundante  
comprido  
concentração

De vidro  
ou de barro  
jarra

Íntima  
morada de miudezas esquisitas

\*

Tudo começou com uma redoma de barro  
no Período Paleolítico

Os seres humanos  
exercitando as mãos  
formando  
moldando  
articulando matéria

## Depois que o corpo desce

As células vivas  
não se desfazem debaixo da terra

As células vivas que habitam debaixo da terra  
são, entre outras coisas, fungos sedentos  
eles reconhecem os tecidos que envolvem o corpo

Um encontro acontece  
células vivas abocanham outras células vivas  
a organicidade desenfreada em digestão

As células vivas  
não se desfazem debaixo da terra  
elas duram  
elas esperam  
as outras células vivas

As células vivas  
se tornam parte da terra

é assim que ensaiamos dizer adeus

## IV. Algum rastro de escrita

Um agrupamento de texturas se anuncia

*Eis a linha que rasga*

*em um percurso microscópico do papel*

Dobradiças brancas e negras  
expandem  
pequenos indícios  
da ocupação do líquido sobre a folha

Uma cena microscópica  
com as bordas carcomidas  
ou uma história enegrecida e mal contada  
somam duas faces da mesma página

As letras camufladas  
versam em dois pontos  
ler os pigmentos  
é como esquecer a cor do céu

Um minúsculo  
mapa acidental  
cheio de pequeninas ilhas

Um desenho  
inesperado da  
estranha superfície

## Duas linhas se enroscam

a  
es-  
cri-  
ta  
é  
o  
sus-  
to  
ma-  
is  
tar-  
dio

Nessa tarde esguia  
e fria o anúncio do  
futuro termosensível  
é simetricamente dis-  
torcido e populoso  
chegada do dia faz  
tancar os assombros  
ados pelos raios  
citurnos e modulados  
invisível aos dedos  
vislumbre da cidade  
pensa sobre o papel  
po com as quinas  
rgem com margem  
miuço cada fresta  
jo um pequeno canto  
ptria<sup>11</sup> de las lentes

Oito  
furos  
verticalmente  
colocados  
e  
arranjados  
povoam  
a  
materialidade  
azul

Escrever  
sobre  
o  
papel  
como  
forma  
de  
ver

Costura, rasura,  
captura deslizante,  
dois centímetros de zoom in,  
furo, cola e linha



Curvar uma linha

impossível morada

Uma casa se  
constrói com vigas,  
tijolos, barro ou  
cimento

Algum tipo de aceno	casa-aceno
se constrói	casa-casa
	casa-casca

Alguma tipo de cena  
se constrói

Algum tipo de linha  
sedimenta a casa

Casa-aceno  
casa-casa  
casa-amada



# Segunda parte



## I. Inscrições<sup>12</sup>

*Mostrai-me a árvore  
sobre a qual nenhum olhar pousou  
Lá entre os galhos  
aninha-se um conhecimento.*

Amir Or. Mostrai-me.

*A memória lê o dia  
de trás pra frente*

*acendo um poema em outro poema  
como quem acende um cigarro no outro*

*que vestígio deixamos  
do que não fizemos?  
como os buracos funcionam?  
(...)*

Ana Martins Marques. Poema de trás pra frente.











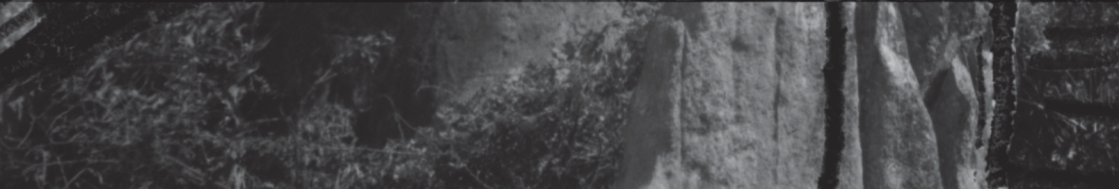




















## II. Resíduos da elaboração<sup>13</sup>

*Aprender a dizer adeus  
é encontrar um novo amanhã  
em algum planeta mais frio  
estéril e estranho  
e inocente.*

*A jornada é necessária  
para aprender  
a desapegar  
dos foguetes queimados  
para aprender como  
iluminar o espaço  
com o fogo ligeiro da recusa  
então fazer a curva descendo gentilmente  
até a superfície morta  
da lua.*

Audre Lorde. Sonhos/ Canções para a Lua da terra de  
Beulah I-V

Estou no meio de uma quadra comercial de Brasília. Entro em um atelier onde os artistas estão vendendo tudo, por causa de uma mudança. Não compro nada. Caminho pela quadra comercial. Avisto, do outro lado da rua, uma mesa de plástico, cheia de caixas. Atravesso a rua. Me aproximo da mesa. As caixas abrigam várias fotos, postais, revistas e objetos variados vindos da Alemanha. Logo me vem à mente as imagens de Dresden, as imagens que achei na internet. Começo a mexer no conteúdo das caixas. Chegam um senhor e um garoto. Eles me dizem que são alemães. Parecem gentis, mas logo revelam uma agressividade. Toda a quadra comercial é tomada por nazistas. Começo a correr, procurar abrigo... Me esqueço das caixas. Bombas, tanques de guerra, um cenário absolutamente devastador se ergue.

Estou em pé, no meio da copa da casa onde moro. Em minhas mãos um minúsculo pacote que contém minúsculas imagens. Tenho medo de rasgar o papel, por isso abro com todo o cuidado. Sobre a mesa tem um isqueiro - o que é estranho, porque nessa casa onde moro não há nenhum isqueiro. Não consigo mapear a motivação, mas decido queimar as bordas das pequeninas imagens. Seguro todas juntas (são muitas) e queimo por cerca de 5 segundos. Assopro as imagens. As que estavam por cima ficam mais danificadas, as últimas estão quase intactas. Fico olhando e mexendo nessas imagens.

São várias imagens de aproximadamente 2x2 cm.

Frio, sinto muito frio. Está escuro e não consigo identificar onde estou. Sinto que minhas pernas estão bambas. Será que vou cair nesse breu? Será que tem chão para eu pisar? Será que conseguirei sair daqui? Sol? Alguma luz? Onde estou?

Me encontro em uma biblioteca. Estou acompanhada de alguns amigos e de uma prima minha. Olá, Larinha, Ju, Manu, João e Ana! Como estão? Essa deve ser a biblioteca mais aconchegante que já conheci! Tem um sofá de couro tão confortável. Caminho, começo a olhar para as prateleiras, avisto um quadro. É uma pintura da Taís Koshino! Uma linda paisagem cheia de verde, azul e amarelo. Tento encontrar a bibliotecária. Gostaria de saber se eu poderia comprar o quadro. Logo sou interrompida pela minha prima Ana. Ela me diz que todos estão entrando na piscina - que fica no jardim da biblioteca. Me dirijo para o jardim, automaticamente estou de maiô.

### III. Imaginar como modo de esboçar



Se você avistasse um tornado saberia desvendar para qual lado ele gira? <sup>14</sup>

Se você avistasse um furacão conseguiria caracterizar o som que sai do seu centro?

Como decifrar a origem  
do raio que cai  
sete vezes?

Para tocar o raio  
é preciso  
tomá-lo da tela

Esperar pela quarta-feira

Desejar  
a chuva  
o furacão-tornado

Tocar o espaço  
e o tempo  
com o corpo

\*

Encostar no tempo  
pelo espaço

\*

Esbarrar no espaço  
com o corpo

com o corpo  
inventar um tempo

Uma névoa  
cobre  
o pequeno envelope  
branco

ele está  
gentilmente  
pousado sobre a  
bancada  
de mármore que fica no quintal

Me aproximo  
como quem teme o toque  
por alguns  
segundos  
me esqueço  
como se usa um estilete  
para abrir um envelope  
de carta -  
um furacão que vem  
dentro de um envelope  
de carta -

zip lock  
zip

Avisto a praia  
o mar

as ondas  
uma pedra-ilha

avisto a claridade sem nome

sou arremessada  
para dentro desse fenômeno

dou boas-vindas  
ao furacão-tornado

## Estátua de sal

Gostaria de me aproximar  
do assombro  
tatear devagar o esboço  
da origem

Constantemente  
me pergunto se é possível visualizar  
o futuro na penumbra

Será que consigo desenhar o passado sem voltar os olhos  
para trás?

A mulher de Ló não conseguiu

Será possível  
perder de vista  
as categorias do tempo?

Será possível  
perder de vista  
a ideia de tempo?

Caminho  
desejando portar  
um pequeno espelho  
que me sirva de retrovisor

Coloque uma imagem contra a luz e veja como ela reage  
veja como ela se desnuda e cai  
no entre meio das sombras

Coloque uma imagem bem próxima de si  
veja como ela fica embaçada  
olho e nariz se tornam um

# Um furo na terra

Parte I



























# Um furo na terra

Parte II



7 poemas que nasceram da observação  
de um furacão-tornado

*7 poemas, 7 faces, 7 ângulos*

Contei oito riscos  
oito cisões no mar  
quantas são  
as ondas?

Duas pessoas  
bem na beira do mar  
quantas estão  
no navio?

Partir da ilha  
fugir do desconhecido

Alejandra Pizarnik desenhou um barco<sup>15</sup>  
que partiu  
e a levou  
eu desenho uma intromissão  
que fere a imagem  
aqui fico

Como voltar  
ao mesmo lugar  
e não olhar para os rastros  
esboçados na areia?

\*

Os furacões  
surgem  
espontaneamente  
disse Manuel De Landa<sup>16</sup>

\*

As delicadezas  
dos fenômenos  
turbulentos



Começo a contar  
as ondas  
uma, duas, três, quatro...

se avanço o dedo sobre a foto  
se tento tocar a quinta  
ou a sexta onda  
me perco

caio no tornado  
caio no furacão  
sou envolvida pela água  
turbulenta

Céu e mar  
enlaçados pela fúria serena  
de um tornado aquático

Dois céus se cruzam  
pequenas membranas flutuantes

\*

Como será  
tocar uma nuvem energizada?

\*

Não consigo desvendar o mistério das águas

O céu está aberto  
as nuvens refletem a manhã

deixo os dedos deslizarem  
livres eles correm entre as folhas de agfa-brovira

dentre as sete  
qual virá?

embaralho  
embaralho

disponho as fotos como se fossem cartas  
jogo o dado

número dois  
escolho uma foto

embaralho  
embaralho

escolho mais uma  
enfim as duas

embaralho

embaralho

escolho uma  
eis que vem a mesma de ontem

vem até mim  
o número cinco

como rever essa imagem?  
como olhar de novo?

de novo?  
é a primeira vez que a vejo hoje

não há barco  
não há gente

só morro, tornado, mar, areia e pedras

Avisto uma pessoa  
como detalhar essa água efusiva?

Avisto um navio  
como traçar uma rota dentro do tornado?

Rastros de carros sobre a areia  
perda de luz no dia  
(estou certa de que é dia)

Será que a vegetação rasteira  
da ilha-morro  
escuta o soar do mar?

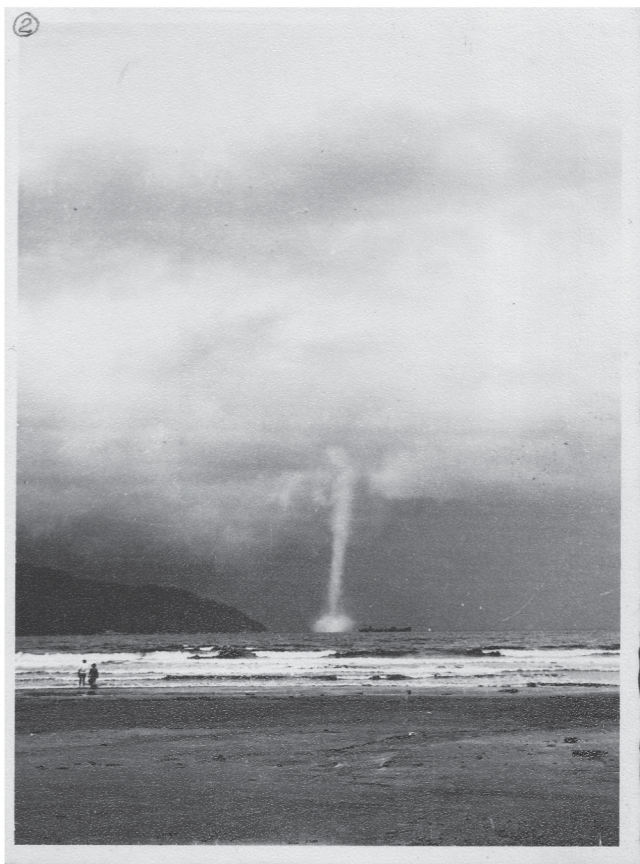
O som que sai do vento



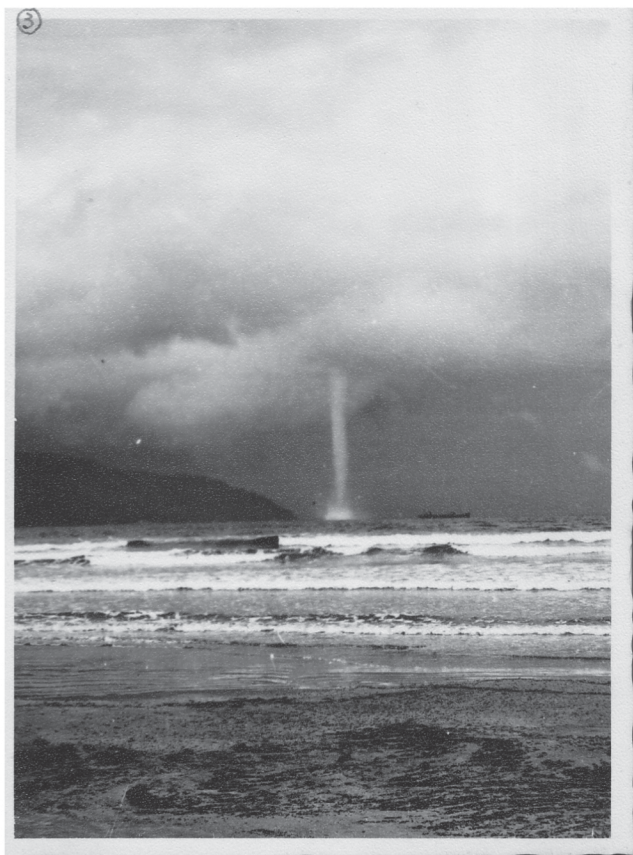


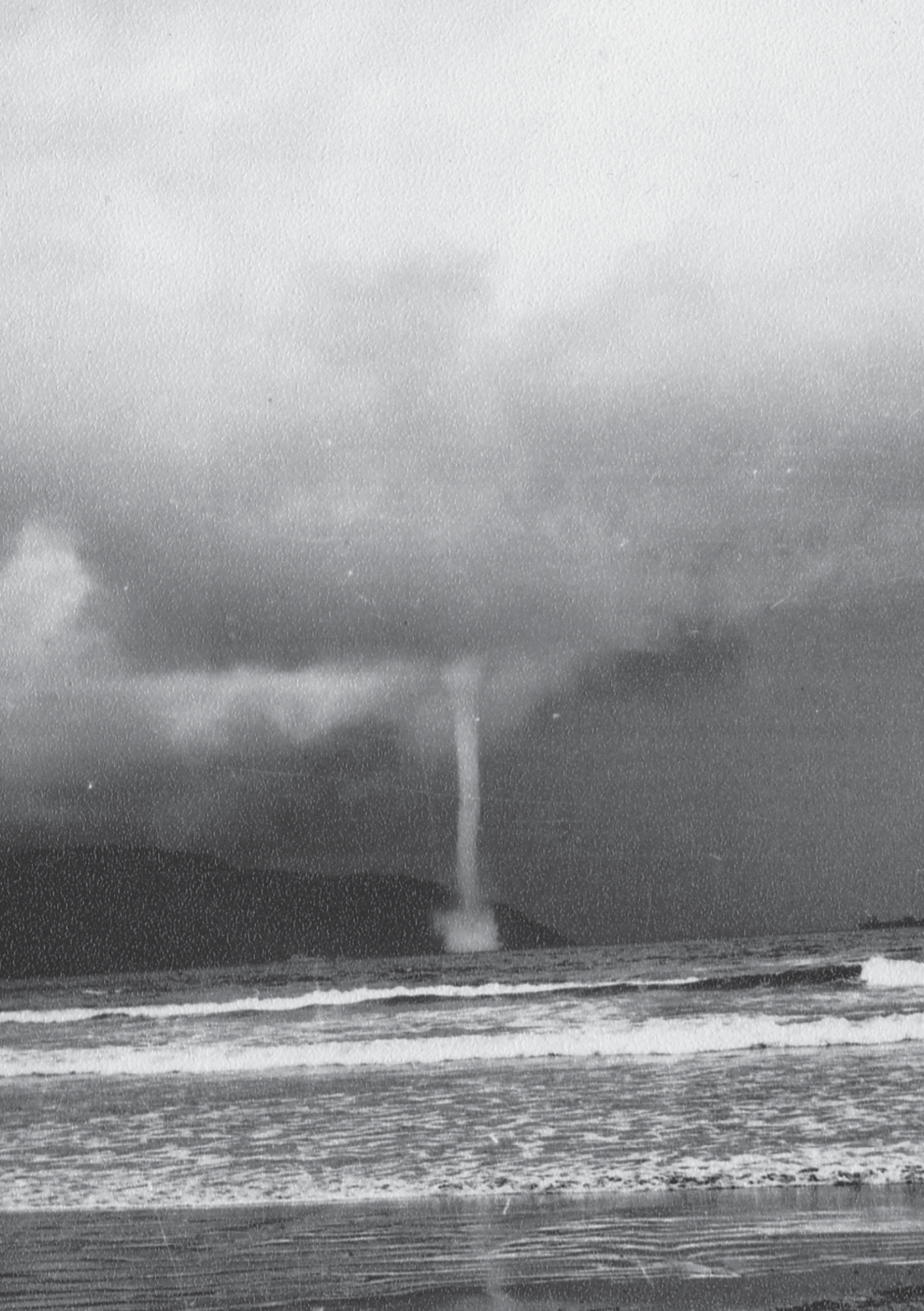




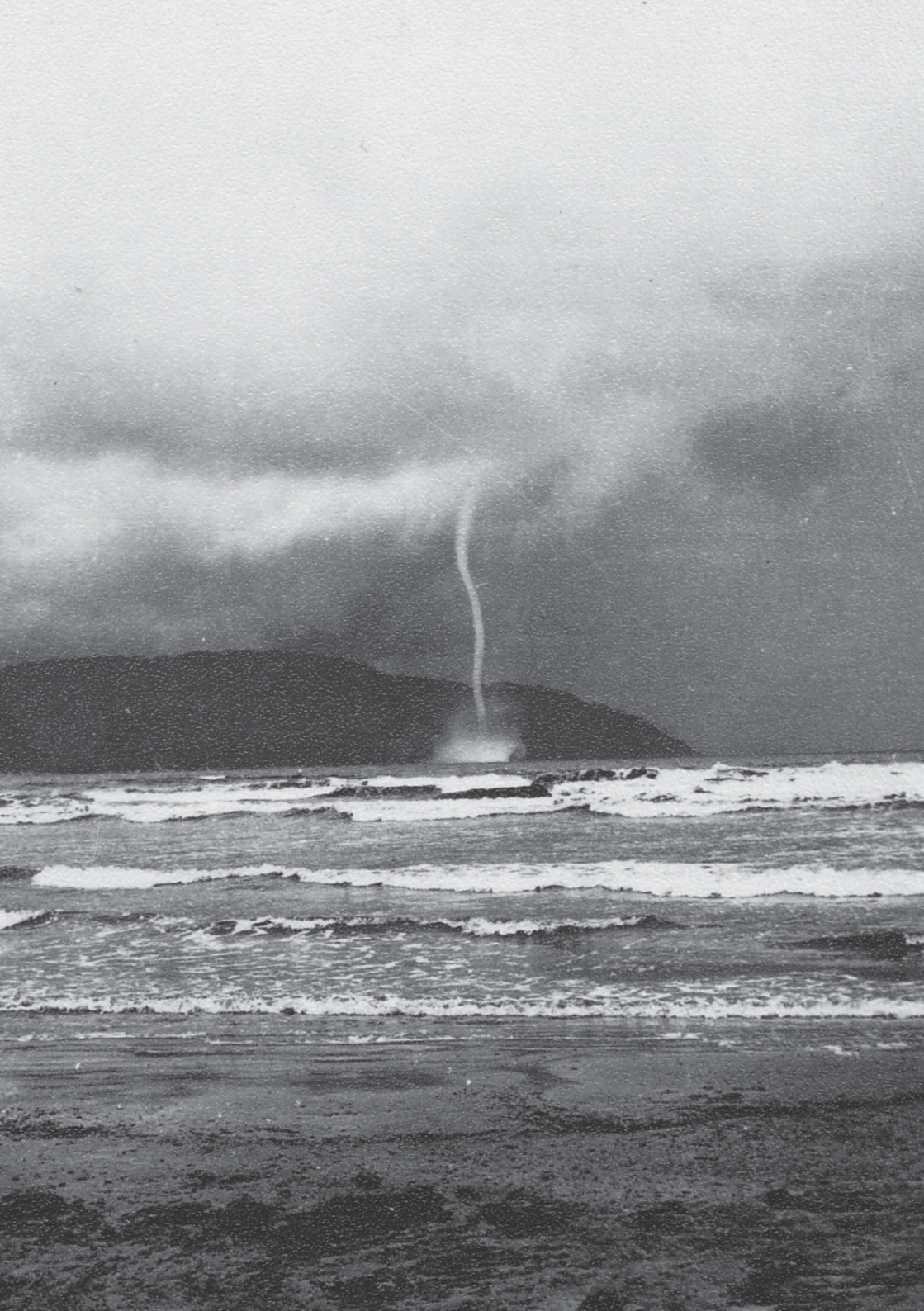




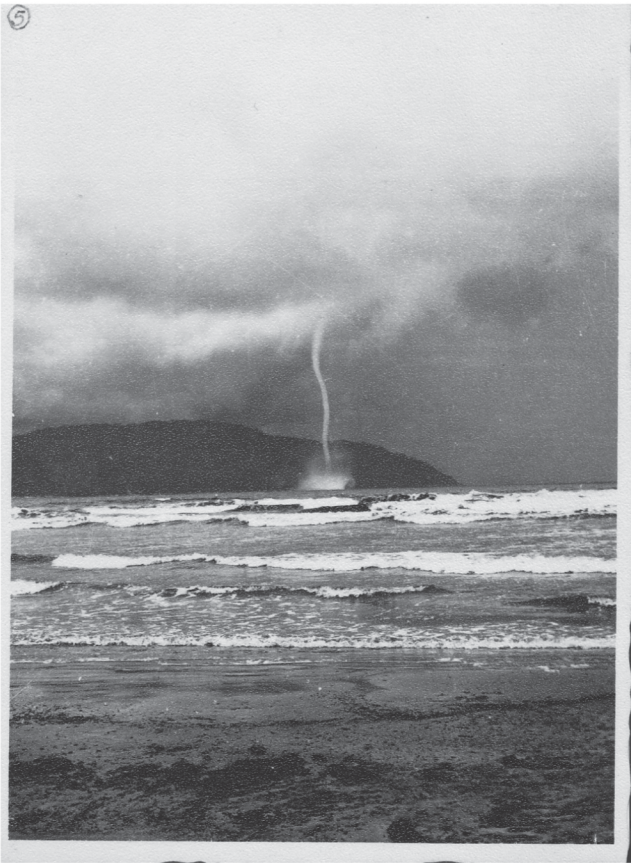




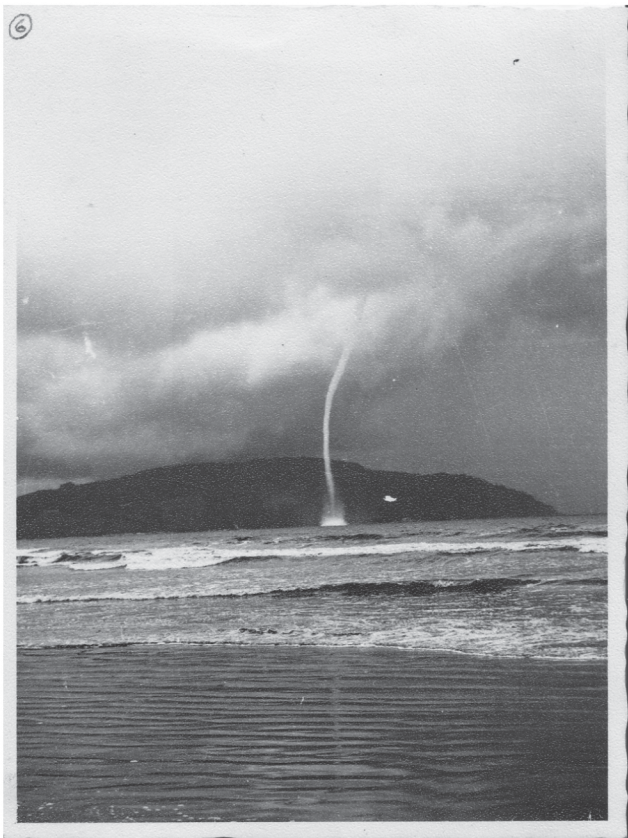




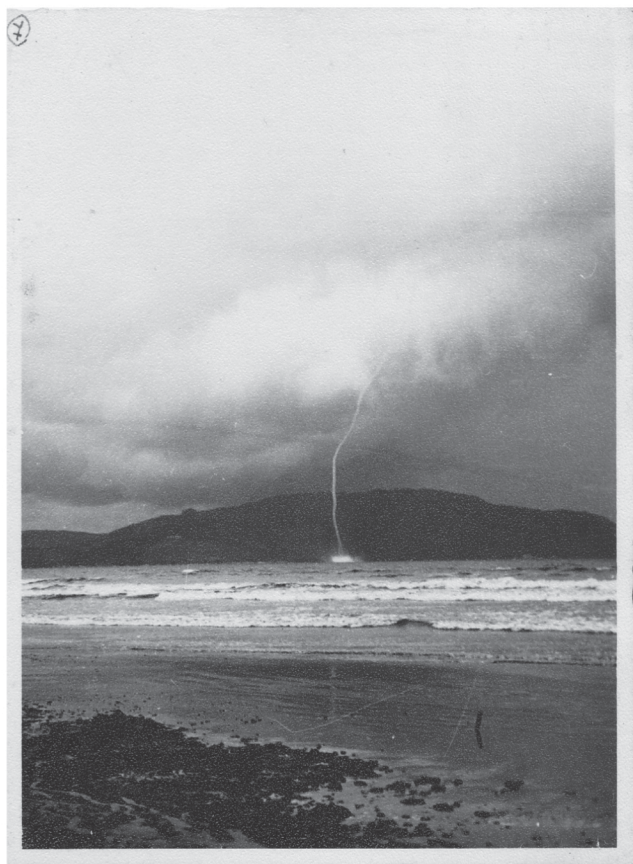












## IV. Miragem

*No mesmo prato  
o menino, o cachorro e o gato.  
Come a infância do mundo.*

Adélia Prado. Roça

l.

Nesta superfície desconhecida  
me inscrevo

Tão negra quanto a noite  
me diria James Baldwin<sup>17</sup>

Vejo a fresta que se abre  
diante dos meus olhos

Tomo as estrelas nas mãos  
e protejo um voo  
como quem soletra o próprio nome  
pela primeira vez  
ou  
como quem recolhe os cacos  
espalhados  
pela ventania

II.

Tocar a transposição dos rios  
com uma linha-pensamento

Dedilhar paisagens  
até alcançar as enchentes não testemunhadas

Saltar para perto do presente  
inventar dobras, retas, circularidades e desenhos

Coletar para inventar o futuro

Minhas avós presenciaram muitas inundações



III.

Esquecer a rota

*para criar flutuações*

#### IV.

A borda de um rio guarda as intempéries das águas

Notações, riscos, fofocas, dizeres nunca mais ditos,  
convencimentos indevidos, casas pequenas e baixas,  
dilúvios, cheias, seca, pé na terra ou na areia

A borda de um rio guarda as inscrições marítimas

V.

Um homem decide que vai matar uma onça  
Uma mulher decide que vai construir um jardim  
na parte da frente da casa onde mora

O homem conhece meu pai  
A mulher conheceu minha mãe

VI.

Em uma manhã de julho

os pássaros voam

como se o vento

os lançasse no azul

que surge do nada

pois corta o céu sem nuvens

Uma brincadeira

pega pega

pique pega

VII.

Seu vestido azul  
estático como seus olhos  
está envolto por uma sombra

VIII.

Caixas de sapato  
abrigam roças recolhidas  
de um mundo sem vistas

Os ruídos emudecem os olhos  
alguma claridade  
faz os lábios tensionarem

Da ilha se vê o rio  
o barco toca o rio  
e a aridez se desfaz

IX.

Ser negra  
como o carvão  
e inscrever  
na pedra  
os dias que se foram











X.

Algum pássaro cego fez ninho  
na pedra  
você caminha até ele  
lentamente

O bicho te vê  
ele sabe o seu nome

Reconhecer o canto é uma estratégia de  
sobrevivência

XI.

Dois minutos  
olhando o Sol  
esse era o seu segredo  
para enxergar melhor

XII.

*Perto da curva do Sol*<sup>8</sup>

estão as pequenas pegadas cortantes  
não traduzidas pelo tempo

Habitar uma casa  
ter um quintal  
uma varanda e um pé de mamão  
e, ainda assim, não ter o nome próprio  
escrito na História

*Perto da curva do Sol*

os olhos não brilham  
tudo é meio duro, ressecado e árido

XIII.

*A incerteza se faz  
ao descobrir<sup>19</sup>*  
do que é feita a casa

Estar longe do mar não garante a permanência  
da construção

XIV.

Dias quentes  
cegam os olhos cansados da lucidez das tardes  
e lembram que tempestades existem



XV.

Há estações que só podem ser vistas  
sob a cortina de uma nuvem negra

daqui enxergo o alvorecer  
das ondas e a solidez  
dos rochedos

entre a água e os minerais  
um ponto de contato

nadar é quase escalar  
escalar é quase escrever  
escrever é quase perder-se no mar

entre a água e a caneta  
nada além do susto

XVI.

*Enterrar a pá de forma cuidadosa, saber onde guardar as coisas*

*do passado, indicar o lugar exato onde os objetos foram coletados, escavar, escavar, revolver o solo<sup>20</sup>...*

Benjamin esqueceu que nem toda recordação é verdadeira. Se eu escrever uma frase a verdade será anunciada<sup>21</sup>?

Enterro a pá, guardo a dúvida, recolho os pedaços e traço linhas

vagas

e largas



## *Agradecimentos*

Nenhuma escrita se faz sozinha.  
Ninguém se faz só.

Ouvi muitas vozes e vi muitos rostos durante a escrita desse livro-dissertação. O que sei sobre essas imagens é que estão inscritas em mim. Pequenas fagulhas de vida.

Agradeço aos meus pais por manterem as histórias e a vida de minhas avós pulsando. Tudo que sei é fruto de partilha e carinho.

Agradeço ao Gê Orthof, meu orientador, ao lado de quem pude caminhar. Iniciamos nossa caminhada à distância e agora, do outro lado da margem, posso desfrutar de uma companhia tão gentil e acolhedora.

Agradeço ao Lulu, pela presença alegre, pela escuta e por todo amor.

Agradeço à Julia e à Manu por fazerem os processos burocráticos serem prazerosos.

Agradeço à Julia Godoy e à Julia Milward, pela troca, pela acolhida e por acalmarem tempestades.

Agradeço à Karina Dias e ao Alberto Pucheu, pela leitura, pelo carinho e por terem revirado tanta coisa em mim.

Agradeço aos anfíbios, aos colegas, amigos e professores do PPGAV/UnB, tudo que aprendi com vocês segue comigo.

Agradeço à CAPES, pelo financiamento dessa pesquisa.

## Notas

<sup>1</sup> A cada ano um(a) cantor(a) brasileiro(a) toma conta dos meus ouvidos e me ajuda a atravessar os dias. Em 2021, meus dias são povoados pela voz de Jards Macalé. Agradeço à Marília Rocha pelo filme *A cidade onde envelheço* (2017) - que me fez (re)escutar Macalé com outros ouvidos. A canção citada no prefácio é a *Movimento dos Barcos*, lançada em 1972.

<sup>2</sup> Com sorte, os(as) poetas que lemos viram nossos(as) amigos(as), como é o caso da Dani. Eu a leio e ela me lê. Os versos aqui citados são do poema *Do outro lado*, presente no livro *Vingar*.

<sup>3</sup> Esse poema está na página 37 da Revista Ouriço, vol.1. Foi nessa revista que li Simone pela primeira vez.

<sup>4</sup> No livro *Paris não tem centro*, Marília fala do prefácio escrito por Jacques Roubaud para a edição francesa de *Galáxias* (livro de Haroldo de Campos). Nesse texto, Roubaud diz ter visto Haroldo na varanda de um prédio dizendo *goodbye*.

<sup>5</sup> Esse verso é uma referência às voltas que a Marília Garcia e seu marido dão em Paris. Na página 12 do livro *Paris não tem centro*, ela diz: *essa rua também está cheia de passagens/ eu decido atravessar as passagens/ é cedo eu estou passeando/ eu vou ter tempo de chegar/ no café matisse/ eu penso*.

<sup>6</sup> Penso em *Carta ao Pai*, publicado pela primeira vez em 1919. Penso em Kafka (um homem excêntrico, no mínimo) tentando conversar com seu pai - alguém deveria ter filmado um desses diálogos!

<sup>7</sup> Francis Alys dentro de um tornado... 42 segundos de vídeo são suficientes para cortar os olhos. Disponível em: <https://francisalys.com/tornado/>

<sup>8</sup> Essa citação foi construída a partir do verbete *Nomear*, que consta na página 542 da 2ª edição do *Minidicionário da Língua Portuguesa* da Editora FTD.

<sup>9</sup> As citações (marcadas em itálico) referentes ao começo e ao ato de começar (presentes nesse poema e no poema subsequente) são da escritora brasileira Noemi Jaffe. As palavras citadas aqui são do *Livro dos Começos* - esse livro não possui paginação.

<sup>10</sup> Como dito na nota anterior, todos os grifos presentes nesse poema são pensamentos de Noemi Jaffe, presentes n' *O Livro dos Começos*. Esse poema é um diálogo meu com algumas palavras de Noemi.

<sup>11</sup> Segundo o dicionário *Michaelis*, dioptria é uma unidade de medida de convergência de uma lente, que equivale ao inverso da distância focal expressa em metros. Símbolo: *dp<sub>tr</sub>*. Informação disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=dioptria>

<sup>12</sup> As fotografias que compõem essa parte foram criadas a partir de um processo de intervenção em negativos que ganhei/coletei entre 2019 e 2021. Elas foram modificadas/montadas digitalmente.

<sup>13</sup> Nessa seção aparecem alguns sonhos-invenções fantasiosas que tive ao longo do processo de escrita deste livro.

<sup>14</sup> Ao longo de 2021, comprei algumas fotos e álbuns pela internet. O Mercado Livre é um dos melhores lugares para isso. Foi um dos modos escolhidos para coletar estranhezas em meio à pandemia. O furacão-tornado que aparece nos poemas dessa seção (e da seção seguinte) foi uma dessas coletas. Uma pequena série de quimeras aquáticas.

<sup>15</sup> Esse verso é uma referência ao poema de número 13 do livro *Árvore de Diana*.

<sup>16</sup> Essa fala de Manuel De Landa está no livro *In a given situation/ Numa dada situação* de Francis Alys.

<sup>17</sup> A escrita deste livro foi amparada e acompanhada por muitos escritores(as) que são essenciais para a minha formação ou que passaram a ser por conta da pesquisa aqui apresentada. James Baldwin é um desses nomes. Esse verso faz referência ao livro *Notas de um filho nativo*.

<sup>18</sup> Esse verso é de uma canção do Cícero chamada *Marinheiro Astronauta*, lançada em 2020. Nota dentro das notas: se eu tivesse um vinil do disco *Cosmo*, onde essa canção está alocada, ele estaria furado.

<sup>19</sup> Um poema enlaçado em outro. Escrevo esses versos de mãos dadas com Tristão Macedo. No poema *casa de pedra*, presente no livro *A sola dos pés respira melhor quando toca o chão*, ele diz: *a incerteza se faz/ ao descobrir/ que a casa fora construída perto do mar/ e como gente também nasceu/ para se desmanchar*. Esse livro é dedicado à memória da mãe do poeta.

<sup>20</sup> Walter Benjamin (adoraria chamá-lo de Waltinho), no texto *Escavar e Recordar*, evidencia algumas camadas e estratégias que deveriam ser levadas em consideração pelos escavadores. Esse texto está no livro *Imagens de Pensamento*, nas páginas 219 e 220.

<sup>21</sup> Georges Didi-Huberman, no livro *Cascas*, na página 41, diz que: *a verdade não é dita com palavras (toda palavra pode mentir, toda palavra pode significar tudo e o seu contrário), mas com frases.*



## *Lista de imagens*

- 1 Planície: face I. Fotografia obtida a partir de intervenção sobre negativo. 2021.
- 2 Planície: face II. Fotografia obtida a partir de intervenção sobre negativo. 2021.
- 3 Planície: face III. Fotografia obtida a partir de intervenção sobre negativo. 2021.
- 4 Planície: face IV. Fotografia obtida a partir de intervenção digital. 2022.
- 5 Planície: face V. Fotografia obtida a partir de intervenção digital. 2022.
- 6 Planície: face VI. Fotografia obtida a partir de intervenção digital. 2022.
- 7 Pedço-Visada I. Fotografia obtida a partir de intervenção digital. 2022.
- 8 Pedço-Visada II. Fotografia obtida a partir de intervenção digital. 2022.
- 9 Pedço-Visada III. Fotografia obtida a partir de intervenção digital. 2022.

- 10 Furacão Tornado II. Fotografia apropriada. 2021.
- 11 Furacão Tornado VI. Fotografia apropriada. 2021.
- 12 Furacão Tornado I. Fotografia apropriada. 2021.
- 13 Furacão Tornado II. Fotografia apropriada. 2021.
- 14 Furacão Tornado III. Fotografia apropriada. 2021.
- 15 Furacão Tornado IV. Fotografia apropriada. 2021.
- 16 Furacão Tornado V. Fotografia apropriada. 2021.
- 17 Furacão Tornado VI. Fotografia apropriada. 2021.
- 18 Furacão Tornado VII. Fotografia apropriada. 2021.
- 19 Braços. Colagem analógica, papel sobre papel. 2019.
- 20 Braços. Colagem analógica, papel sobre papel. 2019.
- 21 Braços. Colagem analógica, papel sobre papel. 2019.
- 22 Braços. Colagem analógica, papel sobre papel. 2019.

## *Partilhas*

ALYS, Francis. In a given situation/Numa Dada Situação. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

AUSTER, Paul. *Espaços em branco/ White Spaces*. In: Todos os poemas. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 329.

AZEVEDO, Carlito. Livro das postagens. Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 2016, p. 56.

BALDWIN, James. Notas de um filho nativo. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

BENJAMIN, Walter. *Escavar e Recordar*. In: Imagens de Pensamento. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004, p. 219-220.

BUENO, Silveira. Silveira Bueno: Minidicionário da Língua Portuguesa. 2ª ed. São Paulo: FTD, 2007, p. 542.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Cascas. São Paulo: Editora 34, 2017, p. 41.

GARCIA, Marília. Paris não tem centro. Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 2016.

\_\_\_\_\_. Um teste de resistores. Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 2016.

JAFFE, Noemi. Livro dos começos. São Paulo: SESI-SP, 2018.

LORDE, Audre. *Sonho/Canções para a Lua da terra de Beulah I-V*. In: A unicórnica preta. Belo Horizonte: Relicário Edições, 2020, p. 181.

MACEDO, Tristão. *Casa de pedra*. In: A sola dos pés respira melhor quando toca o solo. Belo Horizonte: Impressões de Minas, 2018, p. 37.

MAGALHÃES, Danielle. *Do outro lado*. In: Vingar. Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 2021, p.194.

MARQUES, Ana Martins. *Poema de trás pra frente*. In: O livro das semelhanças. São Paulo: Companhia das Letras. 2015, p.108.

MARRA, Fernanda. *Taipografia*. Goiânia: Martelo, 2019.

MELLO, Simone Homem de. *Frestas*. In: Revista Ouriço, Minas Gerais, vol.1, n.1, p. 37, 2021.

OR, Amir. *Mostrai-me*. In: A paisagem correta. Belo Horizonte: Relicário, 2020, p. 29.

PRADO, Adélia. *Roça*. In: Poesia reunida. São Paulo: Siciliano, 1991, p. 154.

## **Músicas**

CÍCERO. Marinheiro Astronauta. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SicE54IBPVk>

MACALÉ, Jards. Movimento dos barcos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZLNQm9m9n2Y>



Distrito Federal, setembro de 2022